



NOVAS NOTICIAS DO BRASIL

SEPP BAENDERECK

25 OUTUBRO / 5 NOVEMBRO



"Como todas as cousas têm fim, convém que tenham princípio, e como o de minha pretensão é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de Todos os Santos e os demais Estados do Brasil, do que se os Reis passados tanto se descuidaram; a El-Rei Nosso Senhor convém, e ao bem do seu serviço, que lhe mostre, por estas lembranças, os grandes merecimentos deste seu Estado, as qualidades e estranhezas dele, etc.; para que lhe ponha os olhos e bafeje com seu poder; o qual se engrandeça e estenda a felicidade, com que se engrandeceram todos os Estados que reinam debaixo da sua proteção; porque está muito desamparado depois que El-Rei D. João III passou desta vida para a eterna, o qual o principiou com tanto zelo, que para o engrandecer meteu nisso tanto cabedal, como é notório, o qual se vivera mais dez anos, deixara nele edificadas muitas cidades, vilas e fortalezas mui populosas, o que se não efetuou depois do seu falecimento, antes se arruinaram algumas povoações que em seu tempo se fizeram. Em reparo e acrescentamento estará bem empregado todo o cuidado que Sua Majestade mandar ter deste novo reino; pois está capaz para se edificar nele um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberano, que seja um dos Estados do mundo, porque terá de costa mais de mil léguas, como se verá por este Tratado no tocante à cosmografia dele, cuja terra é quase toda muito fértil, mui sadia, fresca e lavada de bons ares, e regada de frescas e frias águas"...

... "É esta província mui abastada de mantimentos de muita substância e menos trabalhosos que os de Espanha. Dão-se nela muitas carnes assim naturais dela, como das de Portugal, e maravilhosos pescados; onde se dão melhores algodões que em outra parte sabida, e muitos açúcares tão bons como na Ilha da Madeira. Tem muito pau de que se fazem as tintas. Em algumas partes dele se dá trigo, cevada, e vinho muito bom, e em todas todos os frutos e sementes de Espanha, do que haverá muita qualidade, se Sua Majestade mandar prover nisso com muita instância, e no descobrimento dos metais que nesta terra há; porque lhe não falta ferro, aço, cobre, ouro, esmeralda, cristal, e muito salitre..."

"Como não há cousa que se encubra aos homens que querem cometer grandes empresas, não pôde estar encoberto este rio do mar doce ou das Amazonas ao capitão Francisco de Arelhana que, andando na conquista do Peru em companhia do governador Francisco Pizarro, e indo por seu mandado com certa gente de cavalo descobrindo a terra, entrou por ela dentro tanto espaço que se achou perto do nascimento deste rio. E vendo-o caudaloso, fez junto dele embarcações, segundo o costume daquelas partes, em as quais se embarcou com a gente que trazia e se veio por este rio abaixo, em o qual se houveram de perder por levar grande fúria e correnteza, e com muito trabalho tornou a tomar porto em povoado; na qual jornada teve muitos encontros de guerra com o gentio e com um grande exército de mulheres que com ele pelejaram com arcos e flechas, donde o rio tomou o nome das Amazonas..."

"NOTÍCIAS DO BRASIL"

Gabriel Soares de Souza, 1587



Árvore morta 1977 óleo s/tela 1,35 x 1,80



Paisagem da Transamazônica I 1977 aquarela 0,45 x 0,61



"A destruição é o motor da história (Hegel)"

Na minha terceira viagem à Amazônia, em dezembro de 76, conheci os rios Araguáia e Tocantins, a Transamazônica, de Marabá a Tucuruí. No mês passado, fui ao Alto Solimões. Os Ticunas, em processo de aculturação há mais de 300 anos, representam a maior nação dos índios brasileiros. Tudo bem.

Em minha obra, quero mostrar as pessoas, a terra e as coisas simplesmente como se apresentam, analisá-las pelos modelos que encontro e não através da minha mente. A natureza, tanto quanto meu compromisso com a tradicional dedicação do artista de representá-la, tem para mim a maior importância, uma vez que — como diz meu amigo Krajcberg — "a imaginação humana é infinitamente mais pobre do que a pródiga criatividade da natureza (Deus)".

A fotografia é um importante auxiliar da minha visão e memória. A máquina enxerga com um olho só, a minha visão é binocular, o que resulta numa interpretação dupla. O que se vê no meu quadro, portanto, é essencialmente uma dupla imagem, uma realidade duas vezes interpretada, duas vezes filtrada, duas vezes focalizada e iluminada. Não há risco de engano. É uma pintura de verdade. O que eu pinto não é fantasia.

Uma tela pode levar três semanas em elaboração e, às vezes, dois meses inteiros. Este ano, por exemplo, de janeiro até hoje, pintei apenas oito telas. Há dias em que trabalho das 9 da manhã até as 3 da madrugada. Há outros em que nada faço. Ser pintor é algo de monstruoso. Ninguém incentiva o artista. O meu trabalho é a minha única gratificação. Em outras palavras, a pintura me incentiva e me gratifica. Eu sou meu próprio estímulo, a pintura é a grande paixão da minha vida.

Anos atrás, preocupava-me muito a repercussão do meu trabalho. É difícil explicar, mas, na medida em que, pela força do próprio caráter do meu trabalho, descubro e interpreto a objetividade da realidade, torno-me cada vez mais livre, independente. Essa minha compulsão inexplicável de pintar está hoje intimamente ligada ao mundo em que vivo há quase 30 anos, a essa Amazônia imensa, a este Brasil, que amo mais do que a própria terra onde nasci. Esta é a minha ambição: Quero ser, humildemente, um repórter deste Brasil, como foram Frans Post, Debret e Rugendas. Tenho um compromisso com o Brasil.

Sepp
outubro de 1977, São Paulo



Mãe e filha Ticunas em Belém de Solimões 1977 óleo s/tela 1,35 x 1,80

O Sepp de agora-agora é um homem que produziu as mais belas e densas aquarelas sobre a Amazônia atual e que registram, de um lado a beleza plástica, o traço delicadíssimo, o colorido essencialmente de pintor e, de outro, que por trás da beleza formal se esconde, o início de um deserto já começado. Pela mão e vontade do homem. Nunca, como nessas pequenas aquarelas, onde não há o ser humano, Sepp conseguiu tanta limpeza e despojamento. O oposto é registrado em suas grandes telas onde o ser humano domina e predomina de maneira visceral e contundente numa Amazônia ameaçada. Uma vocação ainda contida de muralista da realidade urbana e selvagem de um Brasil em mutação mais violenta do que imaginamos. O que nos anestesia é o gigantismo do país. Uma conversa descontraída, informal, com Sepp revela, ainda, uma qualidade pouco comum (o que é lamentavelmente verdadeiro) no artista plástico brasileiro: erudição. Um homem senhor da grande informação do universo que nos aflige e da qual ele sai lúcido, consciente, inteligente. Magoado também.

Olney Krüse

São Paulo, 29 de setembro de 1977



Na margem da Transamazônica I 1977 óleo s/tela 1,35 x 1,80



Família de posseiros de Taquaralzinho 1977 óleo s/tela 1,35 x 1,80

Resumo biográfico

Nasce em Hodzag (Iugoslávia) a 09/10/20.

Estuda na Universidade de Belgrado, na Universidade de Berlim e na Escola de Belas Artes de Zagreb.

Integra o Grupo Sezession e ensina desenho na Escola de Artes e Ofícios de Graz.

Em 1948, emigra para o Brasil. Começa a trabalhar, no Rio, numa empresa de cartazes. Faz amizade com artistas, entre os quais Alex Leskoschek, Boese, Santa Rosa, Portinari, Djanira. Trabalha na "A Exposição Modas" e se torna amigo do colecionador José de Carvalho.

Realiza a primeira individual no Ministério de Educação do Rio, em 1951, e começa a participar de salões, bienais, etc. Abre um

atelier de desenhos publicitários com U. Álvares Arce.

Em 1957, funda a Denison Propaganda S/A. Em 1959, muda-se para São Paulo.

Viaja constantemente para o exterior e constrói, em 1971, casa com atelier na Espanha.

Realizou até hoje 24 exposições individuais nas melhores galerias e museus, do Brasil e do estrangeiro, destacando-se a retrospectiva "25 anos de pintura" nos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio, e a série "Brasil terra e gente" no Museu de Arte de São Paulo e na Petite Galerie do Rio. Participou de 30 mostras coletivas.

Fez, nos últimos anos, 4 viagens à Amazônia, pesquisando e colhendo material para sua obra atual, totalmente dedicada a assuntos brasileiros.

Obras expostas

Na margem da Transamazônica I	1977	óleo s/tela	1,35 x 1,80
Na margem da Transamazônica II	1977	óleo s/tela	1,35 x 1,80
Família de posseiros de Taquaralzinho	1977	óleo s/tela	1,35 x 1,80
Mãe e filha Ticunas em Belém de Solimões	1977	óleo s/tela	1,35 x 1,80
Árvore morta	1977	óleo s/tela	1,35 x 1,80
Ticunas em Amaturá	1977	óleo s/tela	2,00 x 1,40
Na Transamazônica, entre Marabá e Altamira	1977	óleo s/tela	1,35 x 1,80
Paisagem da Transamazônica I	1977	quarela	0,45 x 0,61
Paisagem da Transamazônica II	1977	quarela	0,52 x 0,75
Paisagem da Transamazônica III	1977	desenho	0,54 x 0,73
Paisagem da Transamazônica IV	1977	desenho	0,54 x 0,73
Paisagem da Transamazônica V	1977	desenho	0,50 x 0,66

PÁSSARO FERIDO

O crítico de arte é um homem comum. Ele tem, como qualquer outra pessoa, suas preferências, seus gostos emocionais. Os seus "gosto" e "não gosto". O crítico de arte é um homem comum. Cheio de dúvidas. Jamais, como pensam alguns, um decifrador de códigos. A descoberta que o autor e o espectador fazem da obra, ao examiná-la, é a mesma. O crítico de arte é um homem incoerente. Capaz de, por exemplo, detestar (o que me parece um absurdo) a obra de João Câmara e exaltar a de Wellington Virgolino. Capaz, ainda, de exaltar a amenidade consciente e assumida de Darcy Penteado e de tentar (sem conseguir) diminuir a obra de um fotógrafo que (coincidência!) se aproxima da mesma amenidade, mas aqui não assumida porque efêmera e acidental, de Darcy. O crítico de arte tem preconceitos — como as outras pessoas — contra determinadas técnicas. A pintura é (no Brasil) sempre a prima-donna. Por que?

Penso nisso tudo para dizer, logo e diretamente, que estou aflito. Nós, os críticos de arte, estamos em débito com a obra de Sepp Baendereck. A de ontem, a de hoje, a de agora. Dois preconceitos (meus e de outros também) não saem da minha consciência como prováveis causadores dessa absurda, mas real, marginalização em que o colocamos. Sepp é publicitário e artista rico. O crítico de arte é um homem comum. Com poder verbal. Só isso.

Conheço a obra de Sepp Baendereck muito bem. De um tempo em que jornalismo e crítica de arte não faziam parte do meu cotidiano, mas das aspirações. (Não a de crítico que chegou sem esperar e pela benevolência de Antonio Bento e pela qual nunca lutei, mas a de jornalismo, isso sim, meta prevista desde a infância).

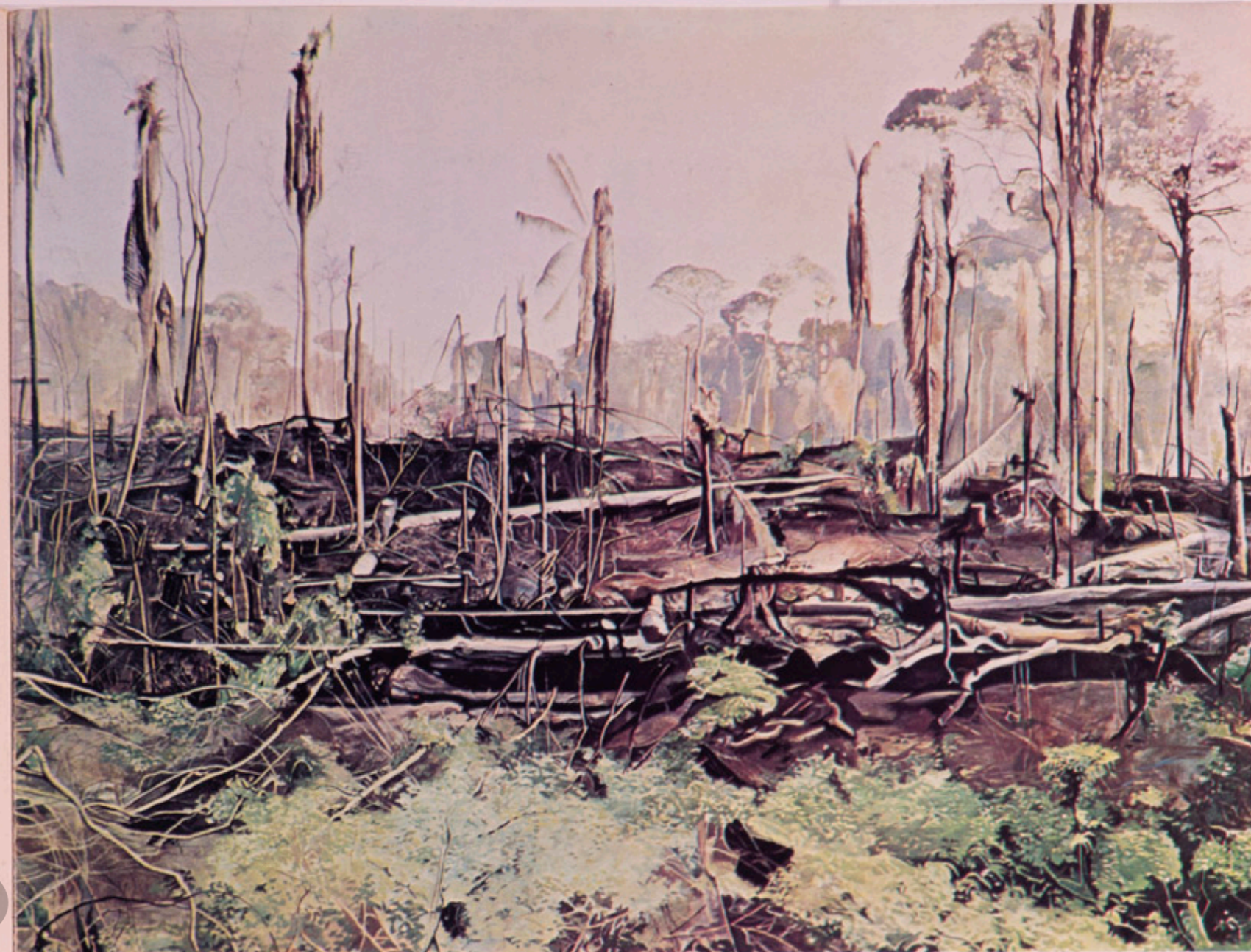
Conheço a evolução da obra de Sepp desde o seu nunca escondido amor pelas cores vibrantes, alegres e musicais, de símbolos e signos cujo resultado provocou o surgimento de belas formas em constante movimento. Nunca me preocupei em decifrá-los. A sua beleza intensa e dinâmica me bastavam. Tentei e consegui compreendê-los pelo excelente estudo do já saudoso José Geraldo Vieira, um crítico hermético, mas verdadeiro, sincero, coerente. Um homem comum que tinha um excelente e perfeito domínio do verbal. E que amava a fotografia e João Câmara.

Depois, veio um Sepp que misturava, como em cinema, (via cada tela sua como um alegre fotograma) o real com o sonho. Ele devia estar em paz com a vida, o mundo, os homens. Mostrava isso claramente naquelas falsas colagens habitadas por sensualidade, pássaros ou a arquitetura que marca o turista que somos todos nós.

De repente, no auge da apenas iniciada discussão e tentativa de definição de nossa identidade cultural, que ainda existe e resiste apesar dos contrários, surge um Sepp fascinado por índios vivos ou fotografados no célebre e já esgotado livro **Hombu**, de Harald Schultz.

O Sepp de setembro de 1977, às vésperas da **Bienal do Vazio** ou XIV Bienal de São Paulo, é um homem preocupado em participar (e consegue sem oportunismo ou arrivismo) da Arte Brasileira. A mudança inclui gestos radicais que agora utilizam fotos suas e não mais as dos outros. Um detalhe sem importância, mas que o coloca, de imediato, como um homem preocupado com a realidade. Da qual ele participa, como brasileiro de origem européia (nasceu na Iugoslávia) e como o fizeram em outros tempos — mais felizes, menos devastadores — Debret, Landseer, Rugendas, Ender e todos aqueles estrangeiros que se apaixonaram pela nossa natureza, nossos usos, costumes, homens e mulheres. Homens que viram o Brasil com olhos de fora (sem os nossos, carregados de preconceitos) e por isso mesmo foram fiéis ao que vivenciaram. Como acontece agora com Sepp, depois de uma longa viagem à Amazônia onde viu o êxtase (vegetal, líquido, humano) e o princípio de devastação.

É certo que demorará um tempo para que o que ele viu, fotografou e pintou seja aceito por seus contemporâneos cheios de preconceitos. Pessoalmente me considero livre, eu que também o via (sem nunca ter escrito sobre isso) com meus preconceitos e distorções.



Na margem da Transamazônica II 1977 óleo s/tela 1,35 x 1,80

Resumo bibliográfico

Sobre a obra de Sepp Baendereck foram realizados vários ensaios, apresentações e críticas, de autores nacionais e estrangeiros, entre os quais, Geraldo Ferraz, W. Pfeiffer, Sheldon Williams, Flávio de Aquino, Ignacio de Loyola Brandão, Pietro Maria Bardi, Jaime Maurício, José Roberto Teixeira Leite.

Em destaque, o ensaio de José Geraldo Vieira "A pintura de Sepp Baendereck"; uma monografia por Pierre Restany, editada pelo Musée de Poche e um documentário, curta metragem, sob a direção de Ugo Giorgetti e Ercílio Tranjan.

